



C A P Í T U L O 11

SARAUS LITERÁRIOS

Bianca Gomes Borges Macedo

(UERJ - CAPES)

biannca.mac@gmail.com

Giovana Cerqueira Lopes Nunes

(PPGEB - CAP-UERJ)

giovanacerqueiralopes@gmail.com

SARAU LITERÁRIO

É um evento cultural e literário no qual as pessoas falam sobre literatura e outros assuntos compartilhando das suas experiências culturais e artísticas no intuito de promover a integração social entre elas.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os saraus popularizaram-se no Brasil após a vinda da Família Real Portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808. Acompanhando o modelo dos salões franceses, a Corte reunia personalidades do mundo artístico, literário e político proporcionando atividades lúdicas com conversas, debates, recitais, danças e declamação de poesias. De acordo com Djair Rodrigues de Souza (2019, p. 28) pode-se dizer que os serões familiares “naturalmente” transformaram-se em saraus, os quais, sem dúvida, foram as maiores diversões que adentraram o século XIX, para conhecer seu apogeu mais exatamente entre 1840 e 1860.

Capital da colônia e do Reino, o Rio de Janeiro tornou-se um ambiente cultural próspero mesmo sem as transformações estruturais necessárias para o combate ao analfabetismo que atingia a população em geral.

Os eventos tinham um público seletivo composto, em geral, pela burguesia e aristocracia. Eles seguiam os moldes dos salões franceses conferindo requinte ao ambiente. Não tardou para que os saraus se expandissem para São Paulo e, na metade do período oitocentista, eles já faziam parte das diversas capitais brasileiras.

Figura 1 – O serão (1880)



Fonte: wikiart.org

SOCIALIZAÇÃO INTELECTUAL NOS SARAUS LITERÁRIOS

Os salões literários multiplicavam-se ao longo do século XIX. Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto (2023, p. 64) esclarece que, nesses espaços informais onde os participantes podiam desfrutar de manifestações culturais, o convívio da alta casta da República das Letras contribuiu com trocas e debates literários, culturais e políticos promovendo a inovação da “finalidade” dos salões.

Eles eram espaços de convivência onde aconteciam encontros da intelectualidade brasileira e, às vezes, estrangeira que oportunizaram a presença feminina na vida pública.

Os salões tiveram relevância para a vida literária brasileira. Eles foram fundamentais para a garantia da aceitação das mulheres nos espaços públicos. Duarte e Paiva (2009, p. 13) indicam que os salões foram “uma espécie de espaço semipúblico” que oportunizou o convívio intelectual entre as mulheres. As damas da sociedade abriram as portas das suas residências e participavam discretamente das reuniões que aconteciam nelas. Uma influência do modelo europeu que contou com mulheres dirigindo os salões à moda parisiense.

As senhoras ocupavam o espaço “semipúblico” dos saraus onde mostravam os seus talentos ao recitarem poemas, tocarem piano ou fazerem apresentações de canto durante as reuniões. Segundo Maria Fernanda Baptista Bicalho: “As leituras animadas pelos encontros sociais, ou feitas à sombra das árvores ou na mornidão das alcovas, geraram um público leitor eminentemente feminino” (Bicalho, 1989 *apud* D’incão, 2004, p. 191) que tinha uma maior liberdade de convivência social.

Duarte e Paiva (2009, p. 13) esclarecem que nos salões literários “realizavam-se saraus em que se recitavam poemas publicados e inéditos, falava-se sobre literatura e outros assuntos, criavam-se redes e amizades literárias”, portanto, o convívio das senhoras nos saraus literários que aconteciam nesses ambientes colaborou não apenas com a socialização intelectual e criação de redes entre as mulheres, mas também contribuiu para o aumento do grau de educação entre elas a partir das trocas intelectuais com homens e mulheres letrados que frequentavam os eventos.

Mesmo as mulheres abastadas que tinham acesso à educação ainda eram limitadas à esfera privada e condicionadas à função de esposa e mãe, portanto, a literatura abriu possibilidades para as mulheres ocuparem espaços públicos. De início, as senhoras frequentavam salões realizados por figuras de elite e intelectuais onde os saraus aconteciam até que elas conseguiram ter acesso aos eventos literários e culturais e participavam de publicações em revistas e jornais com o advento da imprensa periódica.

As mulheres iam conquistando a sua autonomia ultrapassando de forma vagarosa os limites sociais impostos ao seu gênero.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NOS SARAUS LITERÁRIOS

A escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) é um exemplo feminino que conheceu a arte no convívio dos saraus.

Figura 2 – Júlia Lopes de Almeida



Fonte: Acervo Cláudio Lopes de Almeida

Seus pais, Valentim José da Silveira Lopes e Adelina Pereira Lopes, costumavam promover reuniões na residência da família segundo explica Pinto (2023, p. 48): “o pai, médico de fama e reconhecimento em Campinas, (também) possuía um espaço onde as mais diversas expressões artístico-culturais se encontravam, o salão dos Viscondes de S. Valentim”. Margarida Lopes de Almeida, filha da autora, contou um pouco sobre a vivência da mãe durante a infância:

Nos saraus da família Silveira Lopes minha avó e minha doce tia Adelaide cantavam, minha tia Adelina recitava os versos de Tomás Ribeiro e Bulhão Pato e os seus próprios, minha tia Maria José tocava piano e muitas vezes acompanhava em concertos solistas célebres cujos empresários, contando com sua capacidade, prescindiam de acompanhador ao irem a Campinas. Júlia ouvia. Sabia ouvir; mas era tímida e não gostava de exibir-se. Admirava, assimilava, aprendia (Almeida, 2015 *apud* Pinto, 2023, p. 48).

Silveira Lopes também era professor e proprietário do Humanitas, colégio voltado para a educação de meninas. Ele encorajou a filha na carreira literária pedindo que ela escrevesse um artigo para o jornal *Gazeta de Campinas*. O ano era 1881 e Júlia escrevia o seu primeiro texto para publicação em jornal. O conteúdo tratava sobre a vida da atriz Gema Cuniberti que, naquela semana, havia se apresentado no Teatro Municipal.

O incentivo do pai foi fundamental para a autora seguir no meio literário, pois ela entendia as resistências que enfrentaria ao fugir dos padrões impostos ao seu gênero e, segundo Anna Faedrich (2022, p. 119), a atitude do pai da Júlia deixa “compreender a inserção privilegiada da escritora em um ambiente familiar favorável e incentivador à produção e à publicação de seus textos”.

A autora torna-se uma intelectual preocupada com o futuro das mulheres e ciente da realidade limitante ao feminino. Bianca Gomes Borges Macedo (2023, p. 99) pontua que Júlia “sabia do poder da escrita para atingir transformações em suas leitoras. Uma profissional das letras engajada na transformação da função social da mulher e que sabia a importância da educação como diferencial na vida das moças”. Júlia era consciente a respeito da sua função na sociedade.

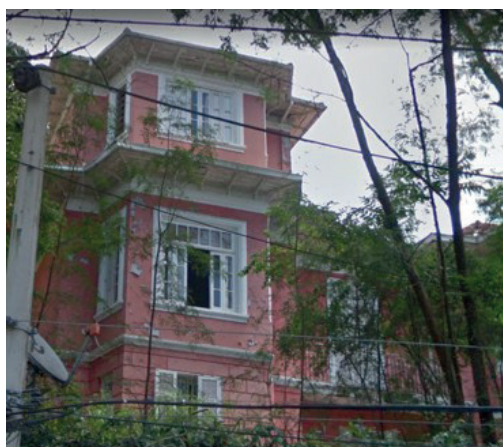
Júlia Lopes de Almeida faz “apologia ao trabalho e ao crescimento pessoal da mulher por meio da educação que “considera essenciais para a evolução das mulheres” (Pinto, 2023, p. 164) ao longo de algumas das suas obras através da representação de personagens femininas com aspectos que “considera essenciais para a evolução das mulheres” (Pinto, 2023, p. 164). Um contributo que demonstra outras possibilidades para o desenvolvimento pessoal das suas leitoras com um exemplo feminino que se desdobrou nas funções de dona de casa, esposa, mãe e escritora.

A tradição dos saraus fez parte da vida da autora de *Traços e Iluminuras* (1887). No início do século XX, Júlia Lopes de Almeida e o marido, Filinto de Almeida (1857-1945), recebiam artistas e intelectuais, brasileiros e estrangeiros, no “Salão Verde”, espaço do casarão de propriedade do casal localizada em Santa Teresa, Rio de Janeiro. Margarida detalha essas reuniões:

Em nossa sala se reuniam os poetas, os escritores, os maiores artistas contemporâneos. João Foca, o delicioso humorista que tinha tanto de espírito como de bondade. João Foca, José Batista Coelho, para nós era o Leca, que nos divertia brincando conosco como se tivesse a nossa idade. Chamava ele a nossa casa de “Lar Bendito”. João Luso, foi o amigo – irmão, considerávamo-lo um tio nosso. Quando nasci já o encontrei no convívio fraterno de meus pais. De Valentim Magalhães que fora o maior amigo de meu pai, o seu companheiro de mocidade, não guardo memória porque morreu pouco depois que nasci, mas vejo como se fosse agora Olavo Bilac recitando trechos de suas traduções de Romeu e Julieta, Alberto de Oliveira a dizer na sua voz grave e lenta “Ser lagarta em verdade é coisa bem triste”, Roberto Gomes pedindo a meus pais conselhos para sua peça Berenice, Paulo Barreto entrevistando minha mãe, Alberto Nepomuceno, Carlos de Carvalho e Frederico Nascimento conversando sobre música, Helena, Suzana e Sílvia Figueiredo novas ainda mas já famosas pianistas, a célebre Rejane almoçando à nossa mesa, o enorme Charby, menor no tamanho que no talento, Augusto Rosa, sempre com sua mulher Sra. D. Leonor, contando-nos passagens de suas vidas e atores, Malhoa que deitava fora as maravilhosas mangas rosa que minha mãe lhe dava, escolhidas de nossa melhor mangueira, sem coragem de recusá-las e confessar o seu medo de que lhe provocassem febre amarela, Antônio Carneiro que, nosso hóspede durante seis meses, reparava o insulto feito pelo colega à nossa fruta mais deliciosa, comendo quantas o seu apetite e a sua gula permitiam; Carlos Reis a pintar os retratos magistrais de meus pais; de tantos, tantos outros que iluminavam de espírito o ambiente em que desenvolviam nossas inteligências. (Almeida, 2015, p. 197-199 *apud* Pinto, 2023, p. 67).

Os netos da escritora contam da existência de “um salão dentro de casa, com tudo o que um salão da época costumava ter, inclusive um piano, que era frequentemente usado nos saraus” (Faedrich; Fanini, 2020, p. 323). Com eventos e festas que promovia no local, Júlia destacou-se como salonista e teve empenho porque fundou “um espaço literário como forma de facilitar seu trânsito, como profissional das letras, em um universo ainda infenso à presença feminina” (Fanini, 2016, p. 27). O gesto demonstra a versatilidade da autora ao considerar trocas entre homens e mulheres a partir do convívio literário e intelectual na sua residência. Uma importante alternativa na possibilidade do acesso ao meio literário pelo gênero feminino.

Figura 3 – Casa de Júlia e Filinto em Santa Teresa



Fonte: Blog Nossos Vizinhos Ilustres

A projeção dos saraus promovia redes de sociabilidade muito importantes para as mulheres e, sem dúvidas, garantiam a luta pelo direito à ocupação de espaços ditos masculinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período oitocentista no Brasil os saraus literários ocuparam os salões residenciais seguindo os moldes franceses e tendo a literatura como principal fonte de entretenimento, mas não somente, pois ao recuperar o conceito de literatura como “um instrumento poderoso de instrução e educação” defendido por Antonio Candido (2011, p. 177) deve-se perceber os saraus enquanto propostas de pensar e discutir o mundo.

Nesses espaços de sociabilidade privada havia demonstrações de arte que tinham música, poema e encenação em sua programação de modo a contribuir com uma profícua convivência entre homens e mulheres da elite intelectual e destacar a importância das relações sociais estabelecidas entre os seus frequentadores na medida em que se propaga a cultura e se constrói o pensamento intelectual dos indivíduos.

A partir da socialização entre intelectuais através do contato com a arte e a leitura, é possível perceber a estimulação do diálogo e do pensamento crítico, portanto, ampliava-se a oportunidade das mulheres que frequentavam esses ambientes de modo que elas tivessem o acesso a temas e informações que se destinavam apenas ao masculino. Logo, ainda que acontecessem em residências privadas, os saraus literários corroboraram a inserção de mulheres na esfera pública reafirmando o argumento de que o convívio social de requinte colaborava para a projeção do feminino na carreira literária assim como demonstramos com a vida da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida.

Júlia, que nasceu em uma família abastada e casou com um literato, viveu e usufruiu dos saraus literários e soube somar a sua inteligência e capacidade criativa para romper com os grilhões da sociedade que ainda condicionava às mulheres ao espaço doméstico.

Palavras-chave: Sarau literário. Socialização intelectual. Júlia Lopes de Almeida.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio et al. O direito à literatura. **Vários escritos**, v. 3, p. 171-193, 1995.

DE SOUZA, Djair Rodrigues. **A Contemporaneidade Do Sarau: a “Leitura Ouvida” No Brasil Como Instrumento De Difusão Da Literatura**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.8/4243>.

Acesso em: 08 ago 2024.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **IPOTESI**: revista de estudos literários, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2009.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 187- 201.

FAEDRICH, Anna. **Escritoras Silenciadas**: Narcisa Amália, Julia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022.

FAEDRICH, Anna; FANINI, Michele Asmar. Entrevista com os netos de Júlia Lopes de Almeida: Claudio e Fernanda Lopes de Almeida. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 315-328, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/issue/view/1287/223>. Acesso em: 12 jul. 2025.

FANINI, Michele Asmar. **A (in)visibilidade de um legado**: seleta de textos dramatúrgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

HELLER, Barbara. **Da pena à prensa**: mulheres e leitura no Brasil (1890 – 1920). São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

MACEDO, Bianca Gomes Borges. **A autonomia feminina nos contos de Guiomar Torresão**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/21628>. Acesso em 11 ago 2024.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. **Júlia Lopes de Almeida**: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/20867>. Acesso em: 08 ago 2024.

SOBRE AS AUTORAS

Bianca Gomes Borges Macedo é graduada em Letras português/inglês pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Mestra em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Integra o Projeto de Extensão “Páginas de Mulheres na Imprensa” coordenado pela professora Gabrielle Carla Mõndego Pacheco Pinto (CAP-UERJ).

Giovana Cerqueira Lopes Nunes é graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Ensino em Educação Básica pelo Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB-CAP-UERJ). Professora Substituta do Departamento de Atendimento Educacional Especializado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). CAP-UERJ. Bolsista de extensão do Projeto Projeto de Extensão “Páginas de Mulheres na Imprensa” coordenado pela Professora Gabrielle Carla Mõndego Pacheco Pinto (CAp-UERJ). Graduanda de Letras: Português e Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).